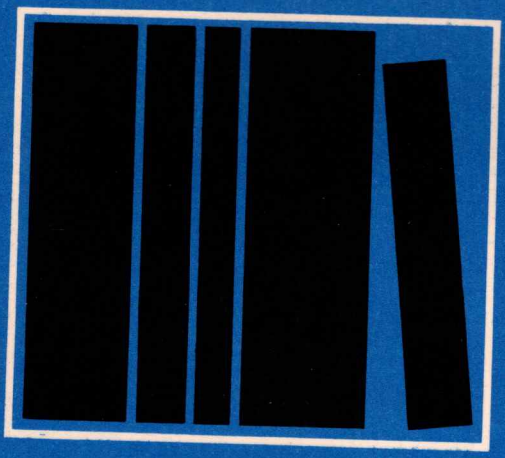
BRUNO PEREIRA
Um homem de imprensa a serviço de sua terra



x.01 F000237

Senador DINARTE MARIZ

FARN

Senador DINARTE MARIZ

BRUNO PEREIRA — um homem de Imprensa a serviço de sua terra

Discurso pronunciado pelo Senador Dinarte Mariz, na Sessão do dia 4-12-79.

BRASÍLIA — 1980

FARN

Senhor Presidente,

Senhores Senadores,

Na tarde de 21 de abril do ano corrente, na cidade de Natal, faleceu Francisco Bruno Pereira, com a idade provecta de 92 anos. O Rio Grande do Norte perdeu um dos seus filhos mais bravos e destemidos, uma das inteligências mais fulgurantes e profundas, um dos escritores de mais vasta erudição e cultura.

Através de todos os cargos públicos e das funções que exerceu na atividade privada — desde Jornalista, Advogado, Professor, Promotor de Justiça, Político, Juiz, Deputado, Bruno Pereira foi um genuíno e autêntico norte-rio-grandense, pela constante fidelidade à terra, pela dedicação ao sofrimento do povo, pelo ardor cívico com que pelejava os combates tribunícios e os entreveros jornalísticos, enfim, por aquele amor à liberdade que o armou cavaleiro sem medo e sem mácula da causa democrática.

Nasceu em Mossoró, no apagar das luzes do século que agonizava, arrastando para o ocaso a Monarquia e seu séquito real. Como bom e irredento nordestino, ostentou sempre, como um símbolo perene de sua luta e de sua vida, o escudo e a espada com que duelava sem tréguas, desafiando todos os que se enfileirassem em

campo adverso e que ele os estigmatizava como inimigos do seu povo, da sua pátria e do seu Deus.

Sim, Bruno Pereira foi um temperamento ardente e crepitante, aureolado por um talento multiforme e transbordante a serviço de uma vocação política e liberal.

Os que lhe traçarem, de futuro, a biografia, revivendo os momentos primários de sua formação, vão descobri-lo no Ginásio Santa Luzia, nesse indomável e inconquistável território livre do civismo que é a cidade de Mossoró, exercitando-se desde cedo nas ginásticas do espírito, nos centros acadêmicos em que despontava como prodígio de eloqüência escolar e nos períodicos escolares em que irrompiam as farpas de seu panfletarismo incendiário. Em Natal, no Atheneu Norte-Rio-Grandense, concluiu o curso ginasial, retornando a Mossoró, quando começou a lecionar no Ginásio de onde saíra.

Filho de pais pobres não pôde, após terminar o curso do Atheneu, seguir para o Recife e ingressar nos estudos universitários. Em Mossoró ajudava os pais no pequeno comércio varejista e dava aulas, aprimorando seus conhecimentos na leitura dos clássicos e ensinando português, francês, matemática e história, sendo esta última a sua matéria preferida. Aí, nessa fase de vida estudantil suspensa e de primeiros passos no Magistério, fundou ele o primeiro semanário mossoroense "O Santelmo", numa antevisão da sua apaixonada vocação para o jornalismo.

Ingressou em 1905, na Faculdade de Direito de Recife, e para se manter nos estudos, lecionava nos Colégios

FARN

"Porto Carreiro", "Ayres Gama" e "Alemão", fundando e chefiando a redação do jornal "A Imprensa". Aí, desenvolveram-se em toda sua exuberante floração tropical, os viços e galas de sua eloqüência oratória flamejante e de seu estilo carbonário, cáustico, ático, elegante na forma e profundo no conteúdo. Foi o orador da turma de bacharéis e ao sair da Faculdade deixava no seio de sua geração uma legenda de cultura, bravura e coragem pessoal, que o convertia em líder da agitada e inquieta classe acadêmica.

Regressando ao Rio Grande do Norte aproximou-se do velho e brilhante jornalista Pedro Avelino que o estimulava na sua carreira e tinha pelo jovem Bruno Pereira uma admiração e estima verdadeiramente paternal. Juntamente com Pedro Avelino, um na condição de Prefeito do Alto Juruá e este como Subprefeito e Consultor-Jurídico, realizaram a aventura amazônica que ele considerava, em conversas familiares, altamente valiosa na sua formação e nos traços de seu caráter e de sua maneira de enfrentar os rudes e ásperos embates da vida.

Em 1912 retornou a Pernambuco, onde o esperava o amor de sua mocidade romântica e apaixonada, aquela que se tornaria, por toda a existência, a musa inspiradora de seus versos tocados ora do mais puro lirismo ora do mais fremente arrebatamento, verdadeiro hinos panteístas e queixas de amor ausente, perdido ou abandonado, mesclados de volúpia e melancolia.

Tornou-se Promotor de Justiça por concurso, exercendo o Ministério Público na comarca de Petrolina, nos anos de 1912 a 1914. Voltou ao Recife onde casou com

Luíza de Souza Nogueira Pereira, a companheira constante, e transferiu sua residência para Natal, instalando seu escritório de advocacia, que viria a ser o mais famoso de sua época. Prestou concurso para a cátedra de História, no Atheneu Norte-Rio-Grandense e ingressou na política, elegendo-se deputado estadual em memorável campanha onde se destacaram seus dotes de notável tribuno e sua verve jornalística de argumentador imbatível, de crítico implacável e de estilista singular e inimitável.

A convite do Coronel Francisco Cascudo dirigiu o jornal "A Imprensa", de propriedade daquele influente político. Em 1915 realizou o seu acalentado sonho de montar um jornal de sua propriedade, em Natal. Surgiu o "Correio da Tarde". Nesse tempo dedicou-se por inteiro à advocacia e ao jornalismo e comprou a fazenda "Ferreiro Torto", transformando-a num belo condado, com um encantador solar, hoje tombado pelo Governo do Estado, por suas raízes históricas.

Em 1924 decidiu transferir-se para o Rio de Janeiro, por decepções políticas, provavelmente, e ali morou durante 7 anos, exercendo uma febricitante atividade advocatícia, sem esquecer o jornalismo, fundando a revista "Nossa Terra", para divulgar as pessoas, coisas, fatos e episódios relacionados ao Rio Grande do Norte. Nessa época, no Rio, fez concurso para Juiz de Direito, concorrendo com mais de 40 candidatos e obtendo o primeiro lugar. Jamais compareceu para assumir o cargo, desaparecendo do Rio sem protocolos nem explicações. Voltara às pressas para Natal e indagado por um

dos filhos sobre os motivos daquele gesto estranho e inusitado, respondeu que assim agira para que seu "coração não estourasse de saudades de sua terra".

De volta a Natal reingressou na política e aí, ao meu lado, em íntima convivência, empenhamo-nos de corpo e alma, em renhida campanha contra os Interventores da época, as ditaduras ressurgentes, fundando o jornal "A Tarde", onde estampou artigos de primeira página, de conceitos profundos, estilo candente e flamante, criticando com violência inaudita os usurpadores do poder e os déspotas de todas as raças e origens. Perseguido e odiado pelos tiranos provincianos, passou um ano ausente, no Rio, retornando para participar, na linha de vanguarda, da mais violenta, cruenta, lendária e histórica campanha política, nas fileiras do Partido Popular.

Nessa época, fundamos o jornal "A Razão", de minha propriedade e Bruno Pereira; Eloy de Souza, Edgar Barbosa e Gentil Ferreira, pontificaram, de logo, a frente do periódico. Aí, todo o vigor panfletário e o talento verbal do brilhante escritor que foi Bruno Pereira reluziram com extraordinário fulgor. As edições diárias do jornal eram disputadas e arrebatadas pelos leitores sequiosos que esperavam muitas vezes indormidos o grito matinal dos gazeteiros anunciando mais uma bomba lançada nos arraiais governistas, que era o artigo de fundo assinado por Bruno Pereira.

Foi verdadeiramente antológico o artigo intitulado "Símbolo Cruento" que ele escreveu, comentando o presente de um punhal de prata que o Interventor Mário

Câmara oferecera ao Presidente Vargas em sua visita ao Rio Grande do Norte. No jornal e na tribuna das praças, Bruno Pereira era um vulcão humano a derramar lavas e chuvas de fogo, a despejar raios e tempestades sobre as cabeças dos tiranos e usurpadores, incendiando, visualizadas em imagens literárias e retóricas, de coruscante beleza.

Fizemos juntos a campanha do Partido Popular, sob a liderança desse varão incomparável, o comandante supremo, o líder maior, a figura ímpar e inigualável de José Augusto Bezerra de Medeiros, cuja dimensão humana e política, o tempo e os anos passados, só fazem crescer e avolumar. A campanha foi vitoriosa, com as eleições realizadas em clima de guerra e terror, e mais de uma dezena de companheiros tombaram mortos, sacrificados no campo da luta, vítimas do arbítrio, da crueldade e da ira liberticida dos algozes. Numa homenagem ao sangue e à memória das vítimas, lembramos um nome que é um símbolo eterno de holocausto e sacrifício às lutas do povo: Otávio Lamartine.

Em 1935 Bruno perdia sua esposa amantíssima, que era a consolação e o refrigério, no lar, das agruras e lutas que travava nas praças e nas redações dos jornais.

Novamente prestou concurso para Professor Catedrático de Geografia do Atheneu Norte-Rio-Grandense, em 1937, regressando à cátedra e à advocacia, pois sob o regime do Estado Novo, suspensas as garantias individuais e imperante a Constituição outorgada de cunho ditatorial, as atividades políticas em todo o País refluíram para as suas nascentes e cessaram de correr, esgotados e ressequidos, os rios da liberdade e da democracia.

FARN

Nas lides forenses Bruno Pereira vestia, com rara e insinuante elegância, a clâmide da eloqüência tribunícia, e se transmudava em gigante na defesa dos seus constituintes. Em um dos famosos processos criminais em que ele funcionou no foro, defendendo o réu, num crime de morte passional, começou as razões de defesa com a seguinte frase de uma virulência e percuciência impressionantes:

> "Raramente, do coito danado do arbítrio e da violência, terá nascido monstrengo tão repugnante quanto este processo. É preciso ter, como nós, acompanhado a sua gestão laboriosa, dos meandros escusos da política, aos desvãos nem sempre ensolarados da Justiça Criminal, para saber de que espurcícias se carrega o seu sangue e se tece a sua carne."

Esse era o seu estilo escorreito, candente e clássico, ferino como uma navalhada na carne, com que satirizava todos os erros e causticava todos os crimes.

Ingressou, afinal, na Justiça do Trabalho e aposentou-se em 1956, como Presidente das Juntas de Conciliação e Julgamento de Natal.

Morreu lúcido e atento aos acontecimentos e evoluções dos tempos. Passou os últimos anos a fazer histórias, improvisando a crônica das eras, recompondo o passado em memoráveis e alegres tertúlias, onde ele era a figura central por suas notáveis qualidades de *causeur*, sua ironia mordaz, sua presença de espírito que desorientava os opositores, suas fascinantes histórias

enriquecidas por citações e comparações em que era exímio mestre, como erudito professor de História.

Honrando-lhe e perpetuando-lhe a progênie e a memória aí estão seus filhos: Almirante Aécio Pereira de Souza, brilhante oficial da nossa Marinha de Guerra; Dr. Caio Pereira de Souza, Juiz de Direito no Rio Grande do Norte; Engenheiro Alexandre Pereira de Souza, Técnico da Petrobrás; Murilo Pereira de Souza, comerciante em São Paulo; Marise, casada com Sérgio Muller Campos; Ione, viúva do Senador Manoel Vilaça, nosso ex-companheiro nesta Casa, de saudosa e inesquecível memória; e Délia, funcionária da Delegacia do Ministério da Fazenda, em Natal.

Sr. Presidente,

Senhores Senadores,

Peço vênia para fazer chegar, à ilustrada família, estas palavras, proferidas com saudade e admiração, por este velho companheiro de Bruno Pereira. E que elas valham como uma homenagem desta Casa, do Senado da República, à memória desse potiguar, que foi em vida, no plano da intelectualidade, grande dínamo a iluminar a terra que tanto amou e, no campo puramente existencial, uma imensa fogueira humana, a crepitar e se consumir, em amor, beleza e ideal, e que é hoje uma chama votiva da inteligência e da cultura, honrando a história cívica, política e literária de nosso Rio Grande do Norte.

Senador Dinarte Mariz


F000237